

RELAÇÕES ENTRE MULHERES, FEMINISMOS E IGREJA CATÓLICA NO CONE SUL (1974-1988).

Gabriela Miranda Marques*

Resumo : Esta pesquisa busca focalizar a relação entre o movimento feminista e a Igreja católica durante os períodos de ditadura militar e abertura democrática no Brasil, Chile e Argentina. Possibilita verificar similitudes e diferenças nesse campo, em países que vivenciavam uma prática governamental e econômica similar no mesmo período. A participação da Igreja nas ditaduras militares e a luta das diversas organizações feministas criaram tensões novas que podem ser analisadas através dos periódicos feministas, que serão fontes primordiais nesse estudo. A Igreja no mesmo período, em toda a América Latina, passa por uma renovação em sua prática e uma revisão de sua teologia encampada pelo que hoje conhecemos como Teologia da Libertação. Tendo-se como pressuposto que o movimento feminista é múltiplo, assim como são as ditaduras militares e a Igreja, o panorama desta relação tende a ser multifacetado, permitindo, todavia, uma análise comparativa.

Palavras-chave: feminismos- Igreja - história comparada.

Abstract: This research seeks to focus on relationship between the feminist movement and the Catholic Church during the military dictatorship and democratic openness in Brazil, Chile and Argentina. It finds similarities and differences in that area, in countries that experienced a similar economic and governmental practice in the same period. The church in military dictatorships and the struggle of many feminist organizations have created new tensions that can be analyzed by feminist journals, which are primary sources in this study. The Church in the same period, throughout Latin America, is passing through a renewal in their practice and a review of his applied theology, that we know today as the Theology of Liberation. Having to be assumed that the feminist movement is multiple, as are military dictatorships and the church, the picture of this relationship tends to be multifaceted, allowing, however, a comparative analysis.

Keywords: Church -feminisms - comparative history.

No último quinquênio do século passado, a maior parte dos países latino-americanos passou por períodos de ditaduras militares. As práticas do terrorismo de Estado impunham grande responsabilidade àqueles que se envolviam em movimentos sociais, já que estes estavam todo tempo passíveis de prisões, torturas e até execução (COGGIOLA, 2001). No entanto, muitos movimentos que lutaram contra esta lógica se organizaram e muitos emergiram no período. Um dos movimentos que emerge em muitos desses países é o movimento feminista de Segunda Onda¹, tendo como prioridade as lutas pelo direito ao

¹ Nesta pesquisa é adotada a periodização apresentada por Joana Maria Pedro e outras autoras que dividem o feminismo em duas grandes ondas, uma primeira relativa às lutas sufragistas do início do século e outra correspondente às lutas principalmente a partir da década de 60 que tinham o corpo como tema central. É

corpo, ao prazer, e contra o patriarcado. Um ponto comum dos movimentos feministas na América latina é que devido à conjuntura de falta de liberdades democráticas vivenciada, estes lutavam também contra a ditadura militar. As demandas específicas envolveram temas como trabalho doméstico, legalização do aborto, contraceptivos, violência contra a mulher, e os vários outros tipos de discriminação sofridas por elas (PEDRO, 2006 : 249-272).

Já no fim da década de 1960, a Igreja católica passa por um movimento em seu interior que busca uma nova prática da instituição, bem como uma outra leitura da teologia e uma aproximação com o mundo dos leigos (fiéis). Este movimento é conhecido em toda a América Latina como a Teologia da Libertação (REJÓN, 1990). A Teologia da Libertação não se formou obviamente na alta hierarquia, mas envolveu padres, bispos e todos os que estavam mais próximos da população. No Brasil, por exemplo, para colocar em ação esta nova teoria e prática católicas, foram formadas inúmeras Comunidades Eclesiais de Base (CEB), localizadas majoritariamente nas periferias das grandes cidades e no campo, aglutinando grandes setores da população católica. Estas “comunidades” foram práticas constantes da chamada esquerda católica e ocorreram em toda a América Latina, em diferentes proporções. Nestes espaços, a população, além de receber conforto espiritual, era instruída politicamente com teorias muito influenciadas pelo marxismo (MACEDO, 1986). É importante lembrar que nem toda a Igreja esteve envolvida neste movimento. No mesmo período, a alta cúpula da Igreja era acusada de compactuar com os regimes militares emergentes em toda a América Latina, sendo conservadora em relação a diversas demandas feministas, como o direito de definir por meios artificiais o número de filhos que as famílias queriam ter e a questão do aborto.

O legado católico, sua influência social e sua postura frente às ditaduras foram diferentes no Cone Sul. O Brasil é considerado como o mais progressista no campo católico². Foi aqui que surgiram alguns dos maiores teóricos dessa nova teologia e onde os grupos populares, ou as CEB, tiveram maior alcance e quantidade de fiéis (PARENTELLI, 1990). Por outro lado, também houve grupos católicos mais reacionários na defesa da ditadura no Brasil. Como aponta Kenneth Serbin, existiram diversos encontros entre eclesiásticos e militares na busca de pontos e apoios mútuos. (SERBIN, 2001). Pode-se citar também as diversas

importante lembrar que as datas variam em cada país. Para mais informações ver: PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24, p.77-98.

² Sobre a Teologia da Libertação na América Latina ver PARENTELLI, Gladys. **Mujer, Iglesia y liberacion**. Caracas: G. Parentelli, 1990. e DUSSEL, Enrique D. **Caminhos da libertação latinoamericana**. São Paulo: edições Paulinas, 1985.

manifestações por “Deus Pátria e a Família”, de grande apelo popular que, além disso, juntavam os ideais cristãos a uma defesa da ditadura.³

A Argentina pode ser tida como o oposto do Brasil na questão eclesial. A Igreja argentina é citada por Dussel(DUSSEL, 1985) como a mais reacionária, aliada ao poder dos militares, e que não aceitava uma abertura católica e a nova práxis. O periódico Persona denunciou esta postura eclesial em seu conteúdo, dizendo que esta guardou silêncio frente à questão da ditadura e violações de direitos humanos, além de ocupar seu lugar ao lado dos generais⁴; porém, entenda-se que isso não significa que não houve posturas de enfrentamento e de abertura eclesial(DUSSEL, 1985: 108). Já no Chile de acordo com Dussel(DUSSEL, 1985: 46) a Igreja apresentava uma postura muito semelhante à brasileira, devido à conjuntura vivenciada anos antes da ditadura com Salvador Allende. Os ideais da Teologia da Libertação tiveram grande alcance entre os eclesiásticos e leigos/leigas católicos. Durante a ditadura chilena diversos setores da Igreja chegaram a ser reprimidos, mesmo com a alta cúpula dando apoio aos militares. Deve-se lembrar que mesmo uma Igreja progressista no campo sócio-econômico não o é, necessariamente, no campo dos costumes e da moral. Nesse ponto é que se encontram as maiores divergências entre feminismo e Igreja.

Não se pode esquecer que o movimento feminista é também objeto desse estudo e para que se possa traçar suas relações com a Igreja nos diversos países, é necessário entender um pouco mais de sua dinâmica interna. O movimento feminista de Segunda Onda emerge em meados da década de 70, na América Latina⁵. Influenciado em grande parte pelos feminismos norte-americano e francês, e também pela declaração da década da Mulher (1975-1985) pela ONU (TABAK, 1983: 5). Este feminismo, como dito anteriormente, é ligado às lutas pelo direito ao corpo e contra o patriarcado. Todavia existiam, e existem até hoje, diferenças muito marcantes entre os diversos grupos - seja nas questões teóricas, seja nas práticas.(PEDRO, 2005: 77- 98).

As diferentes tendências do feminismo coexistem simultaneamente nos três países estudados. É comum se perceber grupos disputando ideologias e espaços. Para além das disputas existem as redes de contatos, facilmente visualizáveis através dos depoimentos e de seções específicas nos periódicos dos movimentos(PEDRO, 2007: 307-328). Fato que colabora para a construção dessa rede é o exílio. Muitas dessas mulheres optaram por se auto-exilarem, por serem perseguidas ou pelo regime ou por grupos para-militares. Os locais mais

³ São Paulo parou ontem para defender o regime. **Folha de S.Paulo**, sexta-feira, 20 de março de 1964. Disponível em http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_20mar1964.htm

⁴ **Persona**. Ano 1983, número 1. p 12.

⁵ Tal movimento já existia desde do início da década de 60 em países como França e Estados Unidos.

comuns de exílio são países da Europa, mas também fazem parte da lista muitos da América como o Brasil ou o Chile (PEDRO, 2007). Lá estas mulheres formam grupos, escrevem periódicos e livros, e, na volta, trazem novas experiências e práticas. O contexto de ditadura acarreta outras questões para o feminismo. A militância contra o governo imposto tornou-se uma questão “obrigatória” para que o movimento feminista fosse reconhecido enquanto como de relevância social. Muitas mulheres eram duplas militantes, isto é, além de militar no movimento feminista, participavam de partidos políticos, de outras organizações. A esquerda revolucionária acreditava que a revolução era a luta mais importante da época. No caso, a libertação feminina deveria ocorrer somente depois dessa, ou seria “uma consequência natural”. Era uma luta secundária do ponto de vista deles. É nesse contexto que o feminismo inclui a luta geral, em maior ou menor grau, visando ser reconhecido no campo da esquerda. Para além dos problemas com outros grupos, o movimento feminista, possibilitou novos debates e a incorporação de novas temáticas na militância de esquerda e da sociedade como um todo. Nesse sentido seus periódicos são fundamentais na propagação de suas idéias.

Estes periódicos possuem algumas especificidades que podem ser observadas na sua construção e no seu conteúdo. Suas autoras e editoras são principalmente mulheres brancas e de classe média que tentavam, através deles, dialogar com as questões gerais da esquerda e trazer à tona o debate do feminismo, com suas diversas matizes. O periódico argentino Persona chega a citar as mulheres da classe média como as responsáveis pela revolução feminista⁶. O trabalho realizado com estes periódicos era mesmo de “formiguinha”; de mulher para mulher eram vendidos os jornais nas casas das próprias militantes, nas sedes das organizações, ou também vendidos em bancas, porém com circulação restrita, pois se tratava de uma imprensa com características de esquerda e de oposição ao regime. Por esse motivo a confecção do material era feita de modo artesanal, com número de exemplares restrito e pouco comercializados. Em meu trabalho de conclusão de curso focalizei minha análise em dois periódicos, o Brasil Mulher, periódico brasileiro publicado pela Sociedade Brasil Mulher, em Londrina e posteriormente em São Paulo; e o argentino Persona, publicado em Buenos Aires pelo Movimiento de Liberación Femenina. Em minha pesquisa de mestrado acrescentarei os periódicos a seguir: Mulherio, publicado em São Paulo entre 1981 e 1985; Brujas, publicado em Buenos Aires, do qual me utilizei de exemplares compreendidos entre 1983 e 1984; e Mujer/fempres, publicado em Santiago do Chile, do qual conto com 5 exemplares publicados entre 1986 e 1988.

⁶ **Persona**. Buenos Aires, Ano 1 número 3 dezembro de 1974. p. 10.

As questões presentes nos periódicos foram diretamente ditadas e fomentadas pelos grupos que os confeccionaram. No periódico Brasil Mulher temos relatos que indicam suas militantes como mulheres com alguma experiência política. Muitas dessas mulheres faziam parte das fileiras comunistas e militavam pelo PC do B, na Ação Popular Marxista Leninista (APML) e no Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR8) (LEITE, 2003). A tiragem do jornal era de 5 mil exemplares, porém existiram algumas edições que saíram com 10 mil. Maria Amélia de Almeida Teles, antiga militante do PC do B, em entrevista, narra o trabalho que fazia com os exemplares do jornal Brasil Mulher: “Eu distribuía e o discutia com 18 clubes de mães”. Lia com elas trechos do jornal e em seguida discutia.⁷ Assim, como se pode observar, o jornal e o movimento feminista serviam de passaporte para atuação nos meios populares. Em alguns casos, servia como equipamento didático para aquilo que as militantes feministas consideravam ser um processo de “conscientização da mulher”. Vale salientar que muitos dos clubes de mães foram fundados pela Igreja católica, e possivelmente algumas mulheres se identificaram como feministas nestes espaços.

Convém aqui destacar que em 1975, sob o patrocínio da Cúria Metropolitana e da ONU – Organização das Nações Unidas, se reuniram grupos de mulheres no evento que se intitulou “Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista”, realizado na Câmara Municipal de São Paulo (MORAES,1990: 14-15). Este contexto certamente tornou a crítica feminista à Igreja católica no Brasil bem menos contundente. Lembro que não podemos perder de vista que se estava sob a égide da repressão e os movimentos sociais não tinham condições de agir livremente para conquistar seus ideais – portanto, entendemos que a “proteção” exercida pela Igreja era fundamental. A Igreja, naquela época, era uma das poucas instituições capazes de enfrentar o Estado e obteve o papel de mediadora entre mulheres e o governo.(DABOIT, 1996: 23).

Quanto à questão dos espaços de poder e reconhecimento de diferenças no interior da Igreja, o periódico Brasil Mulher trouxe, em 1976⁸, um documento da CNBB intitulado “Comunicação ao povo de Deus”. O documento, endereçado aos religiosos, às comunidades de base, aos grupos de reflexão e à toda gente pobre, discutiu problemas da Igreja e da violência na sociedade. Ao longo de todo o texto não se discutiu a questão da mulher, a opção referenciada aqui foi a “opção pelos pobres”. O documento denunciou o uso da força pelo Estado e os ataques sofridos por alguns “defensores do povo”. Fica claro que a Igreja não está

⁷ Entrevista com Maria Amélia de Almeida Teles, realizada por Joana Maria Pedro no dia 24/08/05, em São Paulo, transcrita por Soraia Melo, Veridiana Bertelli de Oliveira e Maria Cristina Athayde.

⁸ **Brasil Mulher**. Ano 2 nº 6 de 1976. p.8-9.

sendo criticada pelo movimento feminista, mas sim apoiada por este, abrindo espaço em um de seus periódicos para uma comunicação de um órgão oficial desta. Assim, na página 2⁹ do editorial aparece a visão do grupo Brasil Mulher sobre o documento onde evidencia-se o apoio do grupo Brasil Mulher à ala mais à esquerda da Igreja, e são reconhecidas as diferenças teológicas e de práticas dentro da instituição. A Igreja ainda foi citada algumas vezes em outros números deste mesmo periódico em questões como uso da pílula e controle de natalidade. Em alguns artigos argumentam que a Igreja ainda é inflexível em muitas de suas resoluções. De qualquer maneira, esse periódico se esforçou por colocar as opiniões de bispos ou padres ligadas à Teologia da Libertação, ou que se posicionaram em uma “opção pelos pobres”. Em momento algum, nos periódicos analisados, foi discutida diretamente a questão da mulher ou do feminismo sob a ótica da Teologia da Libertação. O jornal Brasil Mulher narrou diversas atividades em conjunto com a esquerda católica e os grupos organizados¹⁰ pelas mulheres. A Igreja é tema recorrente no periódico, dado que em 204 matérias pesquisadas, 46 se referiam à Igreja e 8 eram sobre a instituição.

Já o periódico argentino Persona se dirigia a uma classe média “intelectualizada”, fato percebido através da linguagem utilizada em seus primeiros números. Entretanto, sua linguagem teórica, rica em citações e bastante culta, irá ser alterada gradativamente a partir de 1980. Sua tiragem era de 10.000 exemplares, e através da sessão de cartas presente na maior parte dos exemplares verifica-se que, devido à circulação das cópias, o número de leitoras/es atingidos foi bem maior. O jornal se caracteriza por matérias longas, com debates de fôlego sobre os diversos temas, e algumas matérias sobre a Igreja e religiosidade destacam-se.

Retomando a uma análise quantitativa, no Persona encontra-se em meio às 142 matérias pesquisadas, 33 que faziam referências à Igreja Católica de alguma forma, além de 5 específicas sobre esta. Quantitativamente os números são muito próximos, o que torna possível afirmar que ambos os periódicos analisados tinham a clareza da importância do tema. Porém, é relevante salientar que no periódico Persona as matérias sobre a Igreja se caracterizam por serem longas, e em sua maior parte atacando-a. Já no Brasil Mulher, estas são mais curtas como é característica da publicação, que não se estende muito em suas matérias. Diferente do periódico brasileiro, o argentino tende a fazer um ataque duro à Igreja, abrindo um espaço ínfimo aos movimentos de transformação eclesiais.

⁹ **Brasil Mulher.** Ano 2 nº 6 de 1976. p.2.

¹⁰ **Brasil Mulher.** São Paulo, ano 2, nº9. 1977.p.7; **Brasil Mulher.** São Paulo, ano 3, nº10. 1977.p.12; **Brasil Mulher.** São Paulo, ano 2, nº12. 1978.p 2 e 12.

Alguns trechos bíblicos são citados ao longo dos diversos exemplares pesquisados. As citações demarcam um discurso católico ultrapassado e servem de base para as críticas feministas. Uma citação em especial chama a atenção e é apresentada abaixo:

Las casadas estén sujetas a sus propios maridos, como al Señor; porque el marido es cabeza de la mujer, así como Cristo es cabeza de la iglesia, la cual es su cuerpo, y él es su Salvador. Así que, como la iglesia está sujeta a Cristo, así también las casadas lo estén a sus maridos en todo. Efesios 5:22-24.

Este versículo é citado em três diferentes edições do periódico¹¹. Apresenta o teor da visão de uma parcela da hierarquia católica sobre as mulheres. Esta citação foi também utilizada no discurso feminista para demonstrar o quanto a Igreja está contra a libertação da mulher¹², especialmente por pregar claramente sua subordinação. A citação foi utilizada para demarcar um discurso contrário as práticas da hierarquia e teologia aceitas até aquela época na Argentina.

Chama a atenção uma matéria intitulada “Religión: Dimensión espiritual de la liberación femenina” publicada em 1975¹³. O texto é de uma feminista radical americana que é teóloga por formação; nele a Igreja é colocada enquanto autoritária e precursora de uma sociedade patriarcal. A autora chega a dizer que existem alguns teólogos que admitem o sexismo na Igreja, porém nada fazem a respeito. Contudo há uma citação que demonstra que já existiam vozes católicas dissonantes como a do Arcebispo Roderts, que diz: “Se se hubiera bombardeado Japón con anticonceptivos en lugar de bombas que solamente matan, mutilan y marchitan a miles de viventes, se hubiera escuchado el grito de furiosa protesta del vaticano hasta el más remoto lugar de Asia”¹⁴

É interessante perceber que o arcebispo não diz que o protesto viria da Igreja, como um corpo único, mas sim do vaticano, onde está concentrada a cúpula da hierarquia eclesiástica. Esta citação indica que a autora — e também o periódico —, reconhecem que alguns eclesiásticos se colocaram muito mais abertos para as discussões ligadas à sexualidade e pregavam uma alteração dos Ditos católicos. A autora lembra, além disso, da dimensão espiritual do próprio feminismo e da noção de irmandade feminina, que ajudaria a libertação das mulheres. Uma nova Igreja, talvez não a católica, ou uma nova religiosidade, estão muito presentes neste texto.

¹¹ **Persona**. Buenos Aires ano 1975 n° 6 p 18, **Persona**. Buenos Aires ano 2 n°7 p5, **Persona**. Buenos Aires, ano 1983 n° 1 p .12.

¹² **Persona**. Buenos Aires, Ano 1983 número 1, p. 12.

¹³ **Persona**. Buenos Aires, Ano 1975 número 6 p.14-20

¹⁴ **Persona**. Buenos Aires, Ano 1975 número 6, p 17.

No último periódico analisado, datado de agosto de 1983, portanto no período final da ditadura que acaba oficialmente em 10 de dezembro de 1983¹⁵, o conselho editorial de Persona trata pela primeira vez abertamente do tema ditadura militar. Em “Los métodos de la Iglesia católica”, a Igreja é apontada enquanto oportunista, por se aliar aos militares que estavam no poder - e se aliaria também a qualquer outro grupo que estivesse nesta situação, de acordo com a autora do referido artigo. Agora que a conjuntura apontava para uma derrocada do regime ditatorial, a Igreja argentina estaria se convertendo a um discurso em prol dos pobres. Observamos diferenças no que concerne ao enfrentamento direto á ditadura.

Pode-se perceber como as dinâmicas locais, mesmo sendo semelhantes em alguns pontos nos dois países, influenciam de forma importante as relações do feminismo com a Igreja. Não se pode ignorar o fato de que a própria constituição e posicionamentos da Igreja demarcaram a forma como o feminismo se colocou frente a ela. No Brasil, país tido como de vanguarda na questão da teologia da Libertação, muitos elogios e atividades em conjunto com campos eclesiásticos apareceram. Talvez a visibilidade deste campo da esquerda católica tenha possibilitado às feministas um diálogo mais aberto nas discussões políticas e de caráter social. Todavia, as críticas permaneceram duras em quesitos como a sexualidade e corpo. Na Argentina, a prática do discurso se entrelaçou com uma prática de busca de uma experiência religiosa diferenciada daquela hegemônica em sua sociedade. A teologia da Libertação não conseguiu muito espaço, organização e visibilidade na sociedade argentina. Isso influenciou o discurso feminista que travou um embate mais ferrenho com esta cúpula eclesiástica que apoiava os militares. Mesmo assim, o periódico faz a distinção entre a cúria romana e alguns posicionamentos de eclesiásticos que são em certos momentos elogiados pelas feministas. Tal panorama nos ajuda a pensar como as experiências locais influenciam a constituição do próprio feminismo, Igreja e suas relações.

A partir destas reflexões lanço meu olhar para os outros países do Cone Sul, com a intenção de aprofundar a discussão sobre Brasil e Argentina inserindo o Chile. Pretendendo identificar como as relações entre mulheres, feminismos e Igreja se deram. Espero, no desenvolvimento de minha dissertação de mestrado, obter respostas às minhas inquietações e contribuir na construção de uma história comparada, terreno tão fértil e ao mesmo tempo tão obscuro. Entendo que mesmo pisando em terreno pouco teorizado, “o comparativismo é a base da tarefa do historiador, ainda que não o faça de maneira explícita, pois no núcleo da criação da veracidade erudita histórica está em uma clara comparação do passado e presente

¹⁵ Disponível em <http://www.me.gov.ar/efeme/24demarzo/dictadura.html> acessado em setembro de 2008.

das sociedades”.(FAUSTO; DEVOTO, 2004: 10). Assim acredito que realizar uma história comparada nesta pesquisa não é só possível, como faz parte de minha trajetória acadêmica. Com o suporte teórico metodológico apontado neste projeto, creio que a dissertação resultante será um trabalho importante que acrescentará a difusão da história comparada, bem como ao conhecimento de feminismos e Igreja nos países abordados.

Referências Bibliográficas

- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 472 p.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Governos Militares na América Latina: a era das ditaduras no Chile, Argentina e Brasil: luta armada e repressão**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DABOIT, Pedro Carlos. **Do sócio-religioso ao sócio-político: a nova relação entre o Movimento de Mulheres Agricultoras e a Igreja Católica no oeste catarinense**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- DUSSEL, Enrique D. **Caminhos da libertação latinoamericana**. São Paulo: edições Paulinas, 1985.
- FAUSTO, Boris, DEVOTO, Fernando. **Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada**. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. **Revista de Estudos Feministas**. Vol.11 no.1, Florianópolis, Jan./June 2003, disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000100014&script=sci_arttext#top8 acesso em junho de 2008.
- MACEDO, Carmen Cinira. **Tempo de gênese: o povo das comunidades eclesiais de base**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 294p.
- MARQUES, Gabriela Miranda. Movimento de Mulheres Agricultoras de Santa Catarina e as Comunidades Eclesiais de base durante os tempos da abertura. **Revista Santa Catarina em História**. Vol. 1, No 1 (2007). Disponível em <http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/view/35/42>.
- MORAES, Maria Lygia Quartim. **A experiência feminista dos anos setenta**. Araraquara/SP: UNESP, 1990.
- PARENTELLI, Gladys. **Mujer, Iglesia y liberacion**. Caracas: G. Parentelli, 1990.
- PEDRO, Joana. Traduzindo o debate: uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista História**. São Paulo: Editora UNESP, 2005, vol. 24, p.77-98.
- PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Anpuh, n.52, vol. 26, 2006. p. 249-272.
- PEDRO, Joana Maria. Nosotras, Nós Mulheres, Nos/Otras, Noidonne. Rede de divulgação feminista dos anos 70 e 80. In: WOLFF, Cristina Scheibe; FAVERI, Marlene de e RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. **Leituras em rede: gênero e preconceito**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007, p.307-328.
- REJÓN, Francisco Moreno. **Desafios a teologia moral na América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. 126p.
- SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura**. São Paulo: Companhia das letras, 2001. 566 p.
- TABAK, Fanny. **Autoritarismo e participação política da mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

Fontes

- Brasil Mulher**. Ano 1 nº 0 de 1975
- Brasil Mulher**. Ano 2 nº 6 de 1976
- Brasil Mulher**. São Paulo, ano 2, nº9. 1977.

Brasil Mulher. São Paulo, ano 3, nº10. 1977.

Brasil Mulher. São Paulo, ano 2, nº12. 1978.

Persona. Buenos Aires, ano 1, número 3, dezembro de 1974.

Persona. Buenos Aires, ano 1 n1 1974

Persona. Buenos Aires, ano 1975

Persona. Buenos Aires, ano 2 nº7

Persona. Buenos Aires, ano 1983 nº 1

Persona. Buenos Aires, 1975 n 6

Persona. Buenos Aires, ano 1 nº 2

Persona. Buenos Aires, ano 2 n 6

Persona. Buenos Aires, 1975 n 5

Persona. Buenos Aires, número 1 agosto de 1983

Persona. Buenos Aires, ano 1 n 3 dezembro de 1974

Entrevista com Maria Lygia Quartim de Moraes realizada em realizada em 28 de março de 2007 em Florianópolis/SC por Joana Maria Pedro transcrita por Gabriela Marques e Gabriel Jacomel.

Entrevista com Maria Amélia de Almeida Teles, realizada por Joana Maria Pedro no dia 24/08/05, em São Paulo, transcrita por Soraia Melo, Veridiana Bertelli de Oliveira e Maria Cristina Athayde.